

**HISTÓRIA E SENSIBILIDADES: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO
HISTORIOGRÁFICA SOBRE OS AFETOS NA CONTEMPORANEIDADE
(1990-2007)**

Raniery Bezerra da Silva (I.C.)
Curso de Lic. Plena em História – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Joedna Reis de Meneses (Orientadora) - Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
PIBIC/CNPq/UEPB.
Email: ranieryuepb@bol.com.br – joedna@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O presente relatório buscará apresentar as atividades desenvolvidas no projeto ao programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba, Cota 2008/2009, intitulado “História e sensibilidades: uma análise da produção historiográfica sobre os afetos na contemporaneidade”. Este projeto pretende abordar o tema das sensibilidades nos trabalhos dos historiadores a partir do recorte temporal traçado entre 1990 e 2007.

Assim, o presente relatório objetiva divulgar o andamento da pesquisa sobre as obras produzidas em torno da temática da História das sensibilidades, desenvolvida junto ao Programa Institucional Bolsas de Iniciação Científica da UEPB. Trata-se de uma pesquisa essencialmente bibliográfica e que objetiva mapear o surgimento e o avanço da temática das sensibilidades no cenário dos historiadores.

A nossa pesquisa encontra-se diretamente ligada ao estudo de como se trabalha, se pensa e escreve a história nos dias atuais. Seguindo esta linha de raciocínio o nosso projeto está ligado à linha de pesquisa, História, corporalidade e afetos, inserido na linha de pensamento do Grupo de pesquisa em História Cultural, que dentre outros aspectos visa analisar a produção historiográfica sobre afetividade.

A pesquisa vem sendo desenvolvida a partir da necessidade de criar uma análise teórico-metodológica ao redor das temáticas pesquisadas no âmbito do Grupo de

Pesquisa em que estamos inseridos, pois, apesar de encontramos um razoável número de obras relacionadas a este tema, mesmo assim ainda encontramos alguns debates que objetivam desqualificar, teórica e metodologicamente, as pesquisas sobre as sensibilidades.

Desse modo, neste projeto de pesquisa buscamos relacionar o tema das sensibilidades com o debate que circunda a produção do conhecimento histórico nas últimas décadas. A nossa pesquisa propõe o estudo de como a produção historiográfica, dos últimos anos (1990 – 2007), vem pensando a temática das sensibilidades. Assim: mostrando como o discurso historiográfico acerca das sensibilidades vem criando sentidos para essa temática e, especialmente, como foi possível a emergência do tema das sensibilidades, e dos afetos em geral, na escrita da história.

Partimos do pressuposto que nenhum objeto de pesquisa aparece repentinamente. De alguma maneira, em algum lugar, é possível estabelecer contatos iniciais. Nos últimos tempos, de uma maneira geral, tem-se tentado pensar na construção de uma história diferente em que se objetiva estabelecer um novo caminho e que tem como princípio norteador o aparecimento da História Cultural, assim, mudando o significado de uma resposta da interação do historiador com o seu objeto. Conseguindo alargar a visão do historiador em relação ao objeto de pesquisa e, desse modo, criando um campo de abordagem gigantesco.

A pesquisa aqui relatada objetiva aprofundar os conhecimentos em torno da historiografia. Para o presente relatório, pretendemos expor a análise das obras selecionadas, até o presente momento, sobre a temática das sensibilidades de maneira específica como também as de caráter teórico e literário no desenvolvimento das nossas atividades de pesquisa. Promovendo assim reflexões de temas como: discurso histórico, metodologia da história, transdisciplinaridade, análise historiográfica, sensibilidades e afetos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao estudarmos o tema das sensibilidades no geral temos a certeza de que este estudo precisa de um forte aprofundamento. Pois, ao tentamos obter informações sobre o mesmo, o máximo que encontramos é alguns livros nos quais os autores são

influenciados, basicamente, pela História Cultural, ou seja, ainda não existe um trabalho específico que analise a historiografia das sensibilidades.

Pois as sensibilidades fazem parte do novo cenário historiográfico que vem sendo construído desde a emergência da “Nova História”, em meados do século XX.

Assim, uma linha de pensamento presente no campo da História Cultural vem influenciando de maneira decisiva a realização da nossa pesquisa. A chamada História Cultural nos permite perceber que o tema das sensibilidades alarga o campo de análise da história. O que permite ao historiador fugir da chamada história tradicional.

A discussão em torno da Teoria e Metodologia da história vem se acentuando desde as últimas décadas do século XX. Nesse período, o conhecimento histórico passou por diferentes questionamentos que, longe de promoverem o encontro de respostas definitivas, estimularam o debate até os dias atuais e impulsionaram a publicação de revistas e livros que discutem os caminhos que tornam possível a emergência do texto histórico.

Porém, apesar do século XX ter sido testemunho da ampliação das discussões em torno da Teoria da história, de uma maneira geral, os trabalhos específicos, voltados, de fato, para a análise historiográfica, ainda são restritos.

O que pensam os historiadores? A questão parecerá a muitos uma piada pois, ao contrário do que ocorre com os filósofos, não se espera dos historiadores que sejam virtuosos do conceito, nem que elaborem complexas arquiteturas teóricas. Tanto mais que, à exceção de alguns textos híbridos sobre biografia e discurso do método, eles não são dados à auto-análise. É verdade que, desde os anos 60, surgiu o hábito de elaborar, episodicamente, espécies de inventários, consequência da expansão sem precedentes que o conhecimento histórico conheceu a partir do fim da última Guerra Mundial. (BOUTIER E JULIA, 1998, p.21)

Houve um momento que, para escrever história, bastaria escolher um evento, documentos que “provassem” a existência do mesmo e pouca ou nenhuma preocupação com a história do próprio texto. Jean Boutier e Dominique Julia estão corretos quando afirmam a dificuldade de análise do pensamento dos historiadores, tendo em vista que algumas propostas teóricas do final do século XIX silenciavam quanto a este pensamento, quando, no auge do cientificismo, o discurso histórico se acentuou como imparcial. Sem dúvida, a escrita da História carregou, durante décadas, a influência deste pensamento e os historiadores, nitidamente, não estiveram muito à vontade para

analisarem as suas produções e, muito menos, para assumirem o papel de leitores, de críticos para analisarem o próprio discurso.

Então, para a questão: como são produzidos os textos de História? É preciso buscar o entendimento dos elementos que influenciam, de maneira consciente e inconsciente, o trabalho do historiador. É necessário entender a produção historiográfica como fruto de uma relação do historiador com o seu objeto, entender a produção historiográfica como uma construção social, perceber que os historiadores produzem textos. É preciso, parafraseando Boutier e Julia, buscar a resposta para a indagação: o que pensam os historiadores quando escrevem História?

Esta interrogação cerca o debate teórico-metodológico da História no final do século XX e, no Brasil, provoca a emergência de alguns trabalhos sintonizados com a problematização do ofício de historiador, com a escrita da História. Estes trabalhos fundamentam a nossa pesquisa no sentido de servirem de exemplo para as futuras análises historiográficas que se pretende realizar.

A título de exemplo, pode-se citar o livro de **Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas** que, em 1997, publicaram a coletânea *Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia*. Nesta obra, diferentes historiadores brasileiros analisam os *Territórios do Historiador: áreas, fronteiras e dilemas (Parte I); Campos de Investigação e Linhas de Pesquisa (Parte II) e Modelos Teóricos e Novos Instrumentos metodológicos: alguns exemplos (Parte III)*.

Outro exemplo de preocupação, por parte dos historiadores brasileiros, com a produção historiográfica nacional, é a obra organizada por **Marcos Cezar de Feitas**, em 2001, *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. A análise se deu em torno das seguintes temáticas: *Historiografia brasileira: olhares sobre as fontes (Parte I) e Historiografia brasileira: novas fontes para novos olhares (Parte II)*.

José Jobson Arruda e José Manuel Tengarrinha propuseram uma análise da *Historiografia Luso-Brasileira Contemporânea (1999)* fazendo com que esta publicação também figure entre as obras dedicadas ao debate historiográfico da década de 1990.

Com vistas a encontrar respostas para questões semelhantes a anteriormente citada – “Em que pensam os historiadores” – pode-se mencionar trabalhos voltados para

uma análise da produção do conhecimento histórico. Desse modo, não podemos deixar de mencionar a importância dos trabalhos anteriores aos anos de 1990, precursores deste tipo de análise no Brasil, da autoria de José Honório Rodrigues, José Roberto do Amaral Lapa, Carlos Guilherme Mota e Francisco Iglesias. Essas estão sendo, sempre que possível, retomadas no desenvolvimento da fundamentação teórica da nossa pesquisa, uma vez que foram pautadas em um objeto comum a este estudo: a historiografia.

O que estes autores chamaram de análise da produção historiográfica tratava-se de uma busca dos elementos que cercam a produção de um texto histórico bem como um levantamento quantitativo das principais temáticas abordadas. Seus trabalhos serviram de indexadores da produção historiográfica nacional e guardam ligações com a proposta de Carlos Fico e Ronald Polito de criação de um *Centro Nacional de Referência Historiográfica*, hoje consolidado como um grupo de pesquisa do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto.

Os resultados dos dados colhidos por este Centro foram divulgados nos trabalhos *A História no Brasil (1980-1989)*. Elementos Para uma avaliação historiográfica. (1992) e *A História no Brasil (1980-1989)*. Série Dados. (1994). Estes volumes traçam um panorama geral da produção historiográfica no Brasil, dedicando um capítulo à pós-graduação em História e os outros momentos para a análise de periódicos e artigos; dos instrumentos de pesquisa; dos congressos e seminários e, dentre outros, das editoras e livros de História.

A Associação Nacional de História (ANPUH) elaborou, em 1995, sob a coordenação de Maria Helena R. Capelato, um levantamento da produção histórica no Brasil, de 1985 a 1994. A publicação foi dividida em 03 volumes e, neles, é possível encontrar os resumos das dissertações e teses defendidas, no período demarcado e nos diferentes Programas de Pós-Graduação em História do país.

Os trabalhos citados estão nitidamente associados ao campo da análise historiográfica e, sem dúvida, guardada as devidas diferenças e semelhanças, servem de fundamentação para o desenvolvimento da nossa pesquisa sobre as sensibilidades.

No entanto, embora não se trate de uma obra de análise historiográfica, a coletânea de textos publicada no ano de 2006, organizadas por Marina Haizenreder Ertzogue, e Temis Gomes Parente intitulada *História e Sensibilidade* cartografou de maneira considerável a abordagem da temática aqui proposta, ou seja, as sensibilidades. Nesta obra, a memória e o próprio conhecimento histórico são relacionados ao tema da sensibilidade.

Assim, cumpre afirmar que os próprios autores e suas respectivas obras, analisadas na nossa pesquisa, influenciam nos caminhos que adotamos na condução das nossas atividades. A título de exemplo pode-se citar os seguintes autores: Mary Del Priore, Durval Muniz de Albuquerque Junior, Antonio Paulo Rezende, Margareth Rago, dentre outros.

Nossa pesquisa possui, portanto, a peculiaridade das próprias fontes fundamentarem o seu desenvolvimento, uma vez que os autores que lidam com as sensibilidades comumente se aproximam do campo da literatura e de pensadores e historiadores como Michel Foucault, Michel de Certeau, Roger Chartier que, devido a inovação que provocaram no conhecimento histórico, permitiram a emergência do tema das sensibilidades na produção historiográfica.

METODOLOGIA

A nossa pesquisa está sendo construída através da perspectiva de que os textos sobre as sensibilidades devem ser trabalhados a partir da idéia de que existe uma multiplicidade de olhares presentes na Escrita da História. É com base nesta visão que o nosso estudo busca destacar as formas com que os historiadores abordam o tema das sensibilidades.

A História, tomada como um objeto de estudo, não é diferente dos acontecimentos com que lida. Ela se encontra presa às temporalidades que a cerca e forma, aos interesses dos que a constroem, à efemeridade de suas verdades, ou seja, a escrita da História vai variar muito dependendo do ano e/ou do tipo de visão que um determinado autor vai ter de um determinado acontecimento.

Na tarefa historiográfica, que aqui se propõe as obras sobre as sensibilidades estão sendo tomadas como acontecimentos a serem estudados e, os próprios efeitos de

sentidos – enunciados – que estas obras fundaram, também são tomados como acontecimentos. Com isso podemos concluir que os acontecimentos mudam a partir do campo de visão de quem os escreve e podemos encontrar o mesmo fato escrito de vários pontos de visão desde a visão do “Grande Comandante” até a visão do “Soldado Raso”.

Na análise do discurso historiográfico sobre as sensibilidades, estamos buscando realizar aproximações entre diferentes obras e, principalmente, buscando observar as mudanças de enfoque, as mudanças que as obras provocaram tanto na forma de pensar a historiografia como na forma de se pensar as sensibilidades.

Assim, a historiografia vem sendo tomada como um discurso e, desse modo, como um acontecimento que produz sentidos ao ser relacionado a outros eventos, como o contexto e a teoria.

O olhar da nossa pesquisa está voltando totalmente para a apropriação das obras como fontes. Fontes que são interrogadas constantemente.

Os caminhos metodológicos adotados procuram observar como foi realizado o texto. Estamos buscando observar o momento de emergência de um discurso sobre as sensibilidades e, de acordo com o andamento da pesquisa, ampliamos o nosso recorte temporal para o início do ano de 1970 até os dias atuais.

A metodologia de trabalho, portanto, está sendo realizada de forma em que seja possível analisar obras historiográficas sobre as sensibilidades. Neste sentido, o trabalho está sendo desenvolvido a partir do levantamento e leitura dos livros publicados no período citado. Também foi construída uma ficha de análise para as obras (em anexo).

Desse modo, como as fontes a serem utilizadas são as próprias obras historiográficas, estas estão sendo selecionadas na medida em que as etapas do trabalho estão sendo executadas.

RESULTADOS

Foram levantadas várias produções historiográficas acerca das sensibilidades, e de fato podemos destacar que os primeiros contatos com a escrita dos afetos são muito tímidos nos anos 1970 – 1980, pois o contato com a nova história social e cultural havia acabado de emergir. Portanto, encontramos alguns autores como Margareth Rago, cuja

escrita é reveladora do tema das sensibilidades apenas aflorando em suas pesquisas, pois ainda não constatamos nenhum autor que desta época que tenha escrito abertamente sobre os afetos em geral.

De acordo com a proposta no nosso Plano de Trabalho estamos finalizando o levantamento bibliográfico e passamos o primeiro semestre da pesquisa envolvidos com o embasamento teórico para a pesquisa e observando como são escritos os livros que procuraram realizar uma análise historiográfica como os de Carlos Fico e Amaral Lapa citados em momento anterior deste relatório. Até o presente momento elaboramos, em conjunto com a orientadora, a ficha para a realização das análises historiográficas e, diante de algumas dificuldades para se empreender um trabalho de análise de obras de autores comumente consagrados, optamos por inserir nas nossas leituras as obras que trataram do tema das sensibilidades de forma geral e, neste momento estamos concluindo a leitura e o fichamento e análise das mesmas: são elas:

BEZERRA JR. Benilton; PLASTINO, Alberto Carlos (Orgs). Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje. Rio de Janeiro: Ambiciosos, 2001.

BODEI, Remo. As formas da beleza. São Paulo: EDUSC, 2005.

DEL PRIORE, Mary (Org). História das mulheres no Brasil. 8ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2005

DELEMEAU, Jean. A História do medo no ocidente 1300-1800. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. & PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.) História e sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006.

GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: Coração desvelado. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs).
Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres... et al História: Cultura e sentimento – Outras
Histórias do Brasil.. – Co-edição – Recife: Ed. Uiversitária da UFPE; Cuiabá: Ed. Da
UFMT, 2008.

RAGO, Margareth. Do Cabaré ao lar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SOARES, Carmen Lúcia.(org). Corpo e História. 3ed. São Paulo: Autores Associados,
2006.

VAINFAS, R. Casamento, amor e desejo no ocidente cristão. 3. ed. São Paulo: Ática,
1986.

As obras, acima citadas, têm nos apresentado ao tema das sensibilidades.
Através destas leituras o tema vem ganhando uma materialidade discursiva que nos
permite afirmar a importância do nosso estudo.

DISCUSSÃO

Conforme foi apresentado nos resultados, ainda não estamos elaborando os
textos que analisam a historiografia das sensibilidades. No entanto, para este momento
do relatório, podemos destacar que, alguns autores já apontaram o fato de que o
exercício da análise historiográfica não se trata de uma tarefa simples.

Com o andamento das leituras que embasam o nosso projeto de pesquisa,
estamos cada vez mais convictos de que a possibilidade de se trabalhar com a análise
historiográfica designa não apenas o registro escrito da História, a memória estabelecida
pela própria humanidade através da escrita do seu próprio passado, mas também a
ciência da História. “a filosofia da história partirá das fronteiras últimas da
historiografia para especular livremente sobre problemas e inquietações que não cabem
nos domínios da história científica.” (Fidelino de Figueiredo, Entre Dois Universos, p.
209).

Construir uma análise historiográfica não é somente apenas, ter uma boa visão
das obras, mais sim, analisar minuciosamente o discurso historiográfico com vistas de
tentar, reconhecer e ao mesmo tempo interpretar a presença de uma

transdisciplinaridade, nos discursos analisados. Deste modo a historiografia deve ser tomada neste contexto não como apenas a escrita dos historiadores mas também, devemos ressaltar muitos outros escritores os quais assumiram o papel de escrever a história. Porque temos a certeza de que a produção acadêmica na área da história recebe vários outros profissionais procedentes de vários outros campos e práticas do saber como: sociologia, psicologia, geografia, arquitetura, dentre vários outros os quais podemos citar. Assim, constatamos as dificuldades e ao mesmo tempo o fascínio que temos ao estudar este tema.

Dentre as nossas leituras nos aproximamos da obra de Lynn Hunt, intitulada *A nova história cultural*, onde a autora reuniu análises sobre autores como Michel Foucault e Thompson. Esse conceito - Nova História Cultural – é abrangente através dele há esse encontro de novas construções do marxismo e com pensamentos que serviram de base para a corrente denominada de Nova História da segunda metade do século XX, como o de Foucault.

A História Cultural e a chamada Nova História, oriundas de todo um debate do início do século XX através do grupo dos Annales, permitiram o surgimento no campo do historiador de temáticas com a das sensibilidades. Estas duas tendências da história, que em diversos momentos se confundem – Nova História e História Cultural, estão sendo discutidas, durante o andamento da nossa pesquisa como provocadoras de novas temáticas inspiradas em autores de diversas tendências teóricas do que como correntes teórico-metodológicas estreitas.

Desde os anos 70, com a publicação dos três volumes de Pierre Nora e Jacques Le Goff, intitulados: *História: Novos Objetos*; *História: Novas Abordagens*; *História: Novos Problemas*, a disciplina histórica acentuou a discussão em torno de metodologias e teorias sendo, estes volumes, considerados responsáveis pela divulgação da expressão “Nova História” como configuradora do movimento de renovação historiográfica do final da década dos anos de 1970.

Este movimento passou a incidir na historiografia brasileira no final da década de 1980, principalmente, quando os temas já considerados símbolos da Nova História,

como a História das mentalidades; História do imaginário, História do cotidiano, começaram ser trabalhados.

Philippe Ariès, em um artigo publicado na coletânea intitulada *A Nova História*, dirigida por Jacques Le Goff (1998, pp. 154-179), apresenta as peculiaridades da chamada História das Mentalidades e demonstra, a partir de alguns exemplos, que esta busca mapear as “*mudanças de mentalidade*”, ou seja, os pensamentos que são aceitos em determinadas épocas, em determinadas culturas e em outras, não.

Para o historiador, as mudanças de mentalidades podem ser observadas mediante a articulação da história com a psicanálise. Esse encontro, junto com a defesa da interdisciplinaridade, desde a Escola dos *Annales*, trouxe para o campo da História a abordagem do conceito de *inconsciente* e, de forma específica para o estudo das mentalidades, o de *inconsciente coletivo*.

Os textos voltados para uma História das mentalidades procuram trabalhar com os códigos morais, com as regras ligadas ao plano dos sentimentos, às crenças, às religiosidades, enfim, com os signos mentais que as culturas assumem nos seus espaços coletivos e individuais.

A psicologia social também influencia, de maneira decisiva, o estudo das mentalidades. Os frutos desta relação – psicologia social e mentalidades - estão visíveis na construção de textos acerca de personagens marginalizados e de comportamentos sociais e culturais que possibilitem o entendimento dos padrões comportamentais de uma época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. “Violar Memórias e Gestar a História”. *Clio - Revista de Pesquisa Histórica da UFPE, Série Sensibilidades*. Recife: Universitária, nº 15, 1994. pp. 39-52.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. . História: a arte de inventar o passado - Ensaios de teoria da história. 1. ed. Baurú: EDUSC, 2007.

ALVES, Francisco José. “Histórias da História: uma crítica preliminar.” *Debates Regionais* nº 2. João Pessoa: Editora Universitária/NDIHR, 1995. pp. 104-111.

ARIÈS, P. e CHARTIER, R. (orgs.). *História da vida privada – Da Renascença ao Século das Luzes*. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARRUDA, José Jobson. e TEGARRINHA, José Manuel. *Historiografia Luso-Brasileira Contemporânea*. Bauru: EDUSC, 1999.

AUSTER, Paul. *A Invenção da Solidão*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

AUSTER, Paul. *A Triologia de Nova York*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BANN, Stephen. *As Invenções da História: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.

BARREIRO, José Carlos. "O mal-estar da história: crise e pensamento na historiografia moderna." in SILVA, Zélia Lopes da. (Org.) *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.